

Pais exigem novo Conselho de Educação

Wilton C. Freitas

Os pais de alunos das escolas particulares do Distrito Federal, revoltados com a resolução do Conselho de Educação (CEDF) que acabou autorizando os colégios a aumentarem as mensalidades acima do IPC, decidiram pressionar o GDF para destruir os conselheiros do órgão. A Associação de Pais de Alunos (Apa/DF) também pretende recorrer à Justiça para derrubar essa decisão do Conselho.

A intenção de pedir a demissão dos conselheiros foi comunicada pelo presidente da Apa/DF, Luís Cassemiro dos Santos, ao governador Joaquim Roriz, durante discussão acirrada sobre a decisão do Conselho, numa reunião improvisada na ante-sala do ajudante de ordens do GDF. Em meio ao desconforto e ao tumulto, Roriz reagiu rispidamente à ameaça do pai de aluno, dizendo que "este Governo não aceita pressões".

A comissão de pais, que ontem, esteve reunida com a secretária Josephina Baiocchi e depois com o Governador, entende que o Conselho de Educação agiu pressionado por um movimento ilegal, no caso a paralisação das escolas. Para o representante dos pais do Colégio Minas Gerais, Darley Cordeiro Valladares, "mais uma vez o poder econômico foi vencedor".

Durante as duas reuniões, os pais pediram que o GDF esclareça quais escolas que poderão modificar seus preços e quais vão abedecer a tabela do CEDF; lance uma nota oficial à população explicando claramente a resolução do Conselho baixada anteontem, modificando os critérios de reajuste das mensalidades; e forme uma comissão de fiscalização das escolas, com a participação de representante de Apa/DF. Roriz se comprometeu em estudar as solicitações, mas afirmou que não poderia ficar discutindo um assunto tão sério, como mensalidades, em poucos minutos e em pé no meio de uma sala.

Valladares considerou lamentável a decisão do Conselho que, na sua opinião, beneficiou as escolas, quando revogou o artigo segundo da resolução número 2/89 que garantia o aumento das mensalidades de acordo com o IPC, ressuscitando a liberdade vigiada.

Os pais pretendem recorrer ao procurador João Batista de Almeida; ao ministro da Educação, Carlos Sant'Anna; ao ministro da Justiça, Saulo Ramos, e à Comissão do Distrito Federal no Senado, para tentar reverter a situação. Eles não estão muito confiantes na ação do GDF, especialmente depois que a secretária de Educação confirmou ser acionista de um colégio particular, a escola maternal Chapeuzinho Vermelho.



As escolas particulares voltaram a funcionar normalmente ontem, após sete dias de paralisação

Presidente já renunciou

O professor Gildo Willadino renunciou ontem ao seu cargo na presidência do Conselho de Educação do Distrito Federal. Sua decisão foi comunicada, através de carta, ao secretário-geral do Conselho, professor José Durval de Araújo Lima. A secretária de Educação, Josephina Baiocchi, não soube explicar os motivos que levaram o presidente do Conselho de Educação a tomar esta decisão.

A carta de renúncia de Gildo Willadino será apresentada ao colegiado, na reunião ordinária de segunda-feira próxima. Na oportunidade, o professor Carlos Fernando Matias de Souza, vice-presidente do Conselho, poderá ser efetivado no cargo de presidente. Segundo a secretária de Educação, Gildo Willadino permanecerá na função de conselheiro.

O pedido de renúncia foi feito

com base no regimento do Conselho, que faculta aos presidentes renunciarem ao cargo. Os presidentes do Conselho de Educação são eleitos para um mandato de dois anos, pelos próprios membros do colegiado. O Conselho é um órgão independente dentro da estrutura da Secretaria de Educação.

Na opinião da secretária Josephina Baiocchi, a renúncia de Gildo Willadino da presidência do Conselho de Educação não afetará as negociações com as escolas particulares, para se chegar a um consenso sobre o valor das mensalidades escolares.

No episódio do locaute das escolas particulares, o professor Willadino defendeu o diálogo como forma de encontrar uma solução, mas sempre se posicionou em defesa dos interesses dos estudantes.

Aulas começam calmas

Somente no final da noite de anteontem as escolas particulares resolveram reabrir suas portas, e o que acabou fazendo com que muitos pais não levassem seus filhos às aulas durante o dia de ontem. A maioria das escolas, acostumadas ao barulho das crianças, estava calma, apesar de os diretores garantirem que a frequência era boa para uma sexta-feira, quando, normalmente, os alunos costumam faltar.

No Colégio Minas Gerais, onde o diretor José Pio de Abreu, garantiu que 90% dos alunos estavam presentes, a pequena Joana Teixeira Abrantes, 4 anos, que cursa o jardim I, não queria nem descer do carro com medo de ficar na escola. Ela foi com a mãe, Gisele Abrantes, levar os irmãos ao Minas Gerais.

Ao contrário de Joana, os irmãos Raphael e Daniela, não viam a hora de voltar ao colégio e rever os amiguinhos. Neste caso, quem também ficou aliviado com o reinício das aulas foram os pais dos dois. Segundo Tarcísio de Lima, durante o locaute ele e a mulher precisaram se revezar e levar os filhos para o trabalho, já que não podiam deixar os dois em casa.

Os pais que queriam pagar a mensalidade de outubro, do primeiro grau no Minas Gerais tiveram uma surpresa: a tesouraria estava fechada, aguardando que o Conselho de Educação fixe os novos valores. A Escola das Nações, apesar do final de paralisação, também não funcionou ontem por causa de um feriado religioso, já previsto no seu calendário escolar.